



Espaços de Educação Permanente em Saúde e o contexto pós-pandêmico

 Carlos Eduardo Amaro Trindade*,  Fabiana Schneider Pires**

O objetivo deste Boletim é divulgar resultados que são parte da dissertação “Educação Permanente em Saúde em tempos de pós-pandemia: uma pesquisa-ação”, que analisou os efeitos da pandemia de COVID-19 nestas ações e identificou fragilidades/potencialidades da Educação Permanente, a partir da perspectiva dos trabalhadores.

Nesta edição

1. Educação Permanente em Saúde
2. Objetivo do estudo
3. Percorso metodológico
4. Principais resultados
5. Destaques da discussão
6. Considerações finais

No contexto histórico e político da estruturação do Sistema Único de Saúde (SUS), a Educação Permanente em Saúde (EPS) emerge como política e como instrumento para maior participação dos trabalhadores nos processos de trabalho dos serviços de saúde. Analisar os efeitos da pandemia de COVID-19 nas ações de EPS foi importante para identificar fragilidades e potencialidades e para discutir ações para maximizar gestões participativas na esfera da Atenção Primária à Saúde (APS). A EPS fortalece e pode qualificar práticas em saúde ao incentivar a reflexão sobre os processos de trabalho e sobre a atenção à saúde.

1. Educação Permanente em Saúde

A Política Nacional de Educação Permanente em Saúde (PNEPS), implantada em 2004, foi uma importante estratégia do SUS para qualificação e a transformação das práticas em saúde (Brasil, 2004).

Recebido em: 17/05/2024
Aceito em: 03/06/2024
Publicado em: 07/06/2024

*Fundação de Saúde de Novo Hamburgo (FSNH), Novo Hamburgo, Brasil. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil. E-mail: carlos.eat@hotmail.com.

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil. E-mail: fabianaspires@gmail.com.

Autor para correspondência: Carlos Eduardo Amaro Trindade. E-mail: carlos.eat@hotmail.com.

As ações desenvolvidas a partir desta Política são fortalezas na direção da formação dos trabalhadores da saúde, pois alcançam a articulação e integração entre comunidade, ensino e serviço.

No escopo da EPS, trabalhadores encontram possibilidades de avaliar a realidade local, suas nuances, seus nós críticos e também os meios para transformar suas práticas e a atenção à saúde. De acordo com Lemos (2016), “é na criação de uma nova subjetividade para o trabalho vivo que a problematização pode contribuir para educar os sujeitos para assumir um compromisso ético-político e tornar-se capaz de atuar criticamente nos micro espaços da saúde” (p. 913).

A EPS é relevante como recurso estratégico para a gestão do trabalho e da educação na saúde.

2. Objetivo do estudo

Conhecer as ações de EPS no município estudado, trazendo a perspectiva histórica e identificando as fragilidades e as potencialidades da EPS no cenário de pesquisa, considerando o período pré e pós-pandemia de COVID-19.

3. Percorso metodológico

Foi realizada pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa-ação, aprovada por Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer nº 2202669).

A produção de dados se deu por meio de grupos focais (GF) com trabalhadores das equipes de saúde das Unidades de Saúde da Família (USF) do município cenário do estudo e pelo uso de diário de campo.

Os GF aconteceram em dias e horários adequados à participação dos convidados nas Unidades de Saúde. A produção de dados ocorreu entre outubro de 2023 e janeiro de 2024. Foram abordadas questões sobre as ações de EPS no município, em retrospectiva e nos dias atuais, pós-pandemia de COVID-19, bem como suas fragilidades e potencialidades para a atenção à saúde.

Para a análise, desenvolveu-se o processamento dos dados em etapas: disponibilização dos

registros brutos; transcrição dos áudios; realização de leituras individuais para a especificação de núcleos de sentido nas manifestações dos participantes; compilação dos resultados em temas e enunciados em pré-categorias, agregando-se as falas exemplares dos núcleos de sentido identificados e, por fim, a codificação e nominação dos enunciados e a constatação da saturação teórica. A análise dos dados utilizou a Análise do Discurso (AD).

4. Principais resultados

Foram realizados dois GF com a participação de 17 trabalhadores, sendo 10 agentes comunitários de saúde, três enfermeiros, dois técnicos de Enfermagem e dois assistentes administrativos.

Quadro 1 – Faixa etária dos participantes.

FAIXA ETÁRIA	n	%
31 - 35 anos	1	5,8
36 - 40 anos	9	53,0
41 - 45 anos	2	11,8
46 - 50 anos	3	17,6
51 - 55 anos	2	11,8

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Quadro 2 – Tempo de atuação na USF dos participantes.

TEMPO DE ATUAÇÃO	n	%
5 anos	1	5,9
6 - 10 anos	9	52,9
11 - 15 anos	7	41,2

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

A análise do material permitiu a categorização de acordo com o quadro abaixo.

Quadro 3 – Categorias de análise com a representação da fala dos participantes.

CATEGORIAS	FALAS DE EXEMPLO
Entendendo a percepção dos participantes sobre EPS	A educação permanente pra mim eu vejo muito importante, porque como já foi dito muitas coisas a gente já sabe, mas acaba esquecendo pelo tanto de informação que se tem hoje em dia, muitas coisas lá do começo a gente esquece, os básicos a gente acaba esquecendo, então, às vezes é bom pra gente relembrar. (P14)
Vivências sobre espaços de EPS no trabalho	Antigamente quando eu comecei a trabalhar aqui a gente tinha a tarde inteira, toda a semana a gente conseguia, tinha um cronograma de EP, eu tive na Rondônia, [...], nós tínhamos um cronograma de EP, o que nós fazíamos todas as semanas,[...] realmente nós conseguíamos fazer uma EP dentro das Unidades. (P8)
Percepção da importância dos espaços de EPS no cotidiano do trabalho	Pra mim eu acho que a educação permanente é muito importante e sempre foi, sempre me ajudou bastante no meu dia-a-dia, no trabalho, eu sinto bastante falta da educação permanente, tanto pra mim como profissional, como para os pacientes. (P10)
A percepção dos trabalhadores da APS em relação aos espaços de EPS ao longo dos anos desde sua implantação, fragilidades e potencialidades	Antes era semanal, o espaço em si seguiu o mesmo, a gente tem na unidade, os encontros fora que é muito esporádico, [...] antes eram semanais e feitas a tarde toda, agora é quinzenal e duas horas então é muito pouco, as mudanças são mais negativas. (P15)
A percepção dos trabalhadores da APS em relação aos espaços de EPS antes, durante e pós pandemia COVID-19	Eu acho que foi muito assim por água abaixo, fatores essenciais para terminar bastante com a educação permanente, foi a pandemia e a questão das reuniões de equipe, que aí não dava pra reunir muita gente [...]. (P9)

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

5. Destaques da discussão

Vivências dos trabalhadores no município quanto às ações de EPS em perspectiva histórica

Na percepção dos trabalhadores, no município aconteciam ações de EPS no período anterior à pandemia, e esses espaços foram gradativamente diminuindo e os encontros periódicos, que eram vistos como espaços potentes de troca e aprendizado, tornaram-se escassos e meramente administrativos. Assim, se perderam as discussões sobre o trabalho da equipe, determinados cursos de formação para os trabalhadores, as reflexões sobre humanização, acolhimento.

Gradualmente, foi ocorrendo o esvaziamento dos processos e ações mesmo antes da pandemia COVID-19. Os participantes expressaram descontentamento com a redução dos encontros (limitados a meio período a cada quinze dias).

Lá no posto de saúde tínhamos bastante, tinha reuniões, eu não lembro o dia da semana, mas era uma tarde e tinha muitas palestras, muitas coisas que acrescentavam como eu entrei sem experiência alguma, foram coisas que só somaram para eu aprender tudo que eu sei hoje. (P15)

A rede se conhecia, como todas as unidades fechavam na quarta-feira de tarde, todos daquela unidade podiam sair e se encontrar num grande grupo em algum lugar definido, porque era assim todo mundo, e agora é assim, cada uma num dia e nem tem como se juntar um com o outro. (P8)

A relação dos trabalhadores com as realidades locais é ampliada com ações de EPS e é estratégica para os serviços de saúde e para o território. Os espaços coletivos, como reuniões de equipe, devem ser vistos como vitais para a produção de saberes e qualificação da atenção. A EPS é fundamental para a mudança nos processos de trabalho, com investimentos por parte da gestão e comprometimento por parte dos trabalhadores, de modo que transforme a atenção à saúde (Ferreira *et al.*, 2019).

Fragilidades/potencialidades da EPS no cuidado à saúde

As fragilidades observadas nas ações e momentos de EPS no município mostram o descontentamento dos trabalhadores em relação à redução dos momentos de EPS em comparação ao período anterior à pandemia.

Os participantes apontam um menor incentivo (horário preservado para a reunião da equipe, promoção de diálogos e reflexões sobre o processo de trabalho das equipes, atividades formativas, discussões de casos, participação da comunidade, entre outros). Segundo os participantes, após a pandemia se intensificou um processo que vinha gradualmente se estabelecendo, com importante desarticulação das ações de EPS.

A relação da EPS e a atenção à saúde era fortalecida pela participação dos trabalhadores, mas foi perdendo importância e relevância. As ações ajudavam muito para instrumentalizar os trabalhadores no seu dia a dia, com questões do território, com discussão de casos, trabalho integrado e interprofissional, onde todos interagiam para qualificar a atenção e a abordagem da comunidade.

Na análise, percebe-se que houve vivências em relação às ações de EPS, que potencializam o trabalho em saúde.

Para mim EPS é quando a gente acaba tratando dos assuntos que são de interesse coletivo de uma forma continuada, que a gente enfim discute sobre os assuntos que a gente lida no dia-a-dia ou enfim conforme vão surgindo coisas novas vai se estudando sobre aquilo. (P16)

Dentre as fragilidades para a continuidade e permanência das ações de EPS, os resultados indicam o papel da política de saúde vigente, estruturada em um modelo de trabalho pautado por metas e produtividade, na busca de indicadores de saúde.

Hoje não tem como, pois só atende, atende, porque é aquela coisa a gente precisa atender, tem que chegar nos indicadores, então agora está sendo uma visão distorcida de quando eu entrei. (P5)

Entendendo a percepção dos trabalhadores sobre as ações de EPS na APS e USF

Percebe-se um sentimento de perda, de falta, pois os trabalhadores viam as ações de EPS como centrais para o processo de compreensão da realidade onde trabalham, e entendem que deva existir um movimento de retomada destes encontros.

A educação permanente pra mim eu vejo muito importante, porque como já foi dito muitas coisas a gente já sabe, mas acaba esquecendo pelo tanto de informação que se tem hoje em dia, muitas coisas lá do começo a gente esquece, os básicos a gente acaba esquecendo, então às vezes é bom pra gente lembrar e também para acrescentar, pra gente poder passar pro paciente, porque se a gente aprende a gente consegue repassar, e sem aprender a gente não consegue passar nada [...]. (P14)

A comparação da forma de trabalho atual com o formato de linha de produção de fábrica, sem diálogo e sem momentos de reflexão coletiva, é muito presente entre os participantes

O processo EPS deve estar ligado ao cotidiano do serviço, permitindo que as necessidades emanem do próprio local, do trabalhador, dos usuários, do território, em um cenário que não haja coadjuvantes, mas sim, protagonistas das atividades de saúde. É o aprender em e no trabalho, incorporados ao cotidiano dos serviços e ao trabalho em ato, buscando transformar as práticas profissionais no cotidiano (Brasil, 2009; Lima; Albuquerque; Wenceslau, 2014; Brasil, 2018). Para que as ações de EPS frutifiquem em mudanças da realidade, é preciso o envolvimento dos atores fundamentais: os trabalhadores e os gestores, com suporte e recursos para que um plano de ação, a partir da EPS, possa ser reestruturado após a pandemia.

No município estudado, houve a desarticulação de ações e de espaços de EPS durante a pandemia e no pós-pandemia não se reestruturou.

Acho que depois da pandemia caiu muito, pois foi só Covid, Covid, [...], eu acho que a pandemia é desculpa pro que estamos vivendo agora, essa mudança foi antes. (P14)

Eu acho que foi muito assim por água abaixo, fatores essenciais para terminar bastante com a educação permanente, foi a pandemia e a questão das reuniões de equipe, que aí não dava pra reunir muita gente [...]. (P16)

A perda se deu antes da pandemia, era quinzenal em 2018 mas ainda era a tarde toda, depois foi cortada para a partir das 15h, e teve época que nem isso teve [...]. (P9)

Antes da pandemia tinha muito mais esses encontros, [...] mas depois da pandemia ainda não voltou e nem sei se vai voltar a ser como era, [...] agora eles trabalham em cima de números. (P3)

Ao analisar os dados, torna-se visível a prática de novos modos de trabalho, pautados pela atual política de saúde, em especial o início da implantação do Previne Brasil (Brasil, 2018) e os indicadores de saúde.

É incontestável que o período da pandemia foi um desafio para os trabalhadores da saúde, seja nos espaços de trabalho ou nas práticas profissionais. Viveu-se o novo, sem saber como lidar com este novo, o que trouxe como desafio aos trabalhadores pensar formas de promoção de saúde, prevenção de agravos e as suas questões e também da população sobre a saúde mental e física (Esposti *et al.*, 2020).

A APS, por desempenhar um papel central no enfrentamento das doenças imunopreveníveis, crônicas não transmissíveis, foi muito demandada no período da pandemia de COVID-19 e este ponto foi bastante abordado nos grupos focais. Passado o cenário da pandemia, é importante a retomada de outros processos de trabalho, processos que possam responder e qualificar a atenção à saúde nos territórios, com escuta e acolhimento, fortalecendo também os trabalhadores nas suas ações cotidianas.

6. Considerações finais

As ações de EPS proporcionam a transformação das práticas por meio da reflexão crítica sobre o trabalho em saúde. O estudo mostrou o quanto a EPS é vista pelos trabalhadores como uma ferramenta importante para qualificar a atenção à

saúde, por meio do trabalho em equipe, e a abordagem da comunidade.

O estudo mostrou que os trabalhadores participantes consideram importante para si e para o processo de trabalho ter ações e espaços de EPS, porém, apresentam dúvidas ou desconhecimentos conceituais sobre as ações. Cabe ressaltar que a EPS está vinculada às necessidades dos serviços, potencializando a articulação dos saberes e práticas.

A educação na saúde deve ser tomada como um ato político, sendo assim a EPS precisa fazer parte do cotidiano dos serviços de saúde para fortalecer os processos de trabalho e reflexões sobre o fazer em saúde, buscando novas e mais adequadas formas de enfrentamento dos agravos da população.

Como parte da APS, a EPS tem papel indutor no trabalho interprofissional da equipe, assim como trabalha na construção de vínculo entre equipe e usuários e na reformulação do saber e da prática tradicional em saúde.

A pandemia marcou um processo de desarticulação destas ações, mas os serviços de saúde e os trabalhadores têm a sua frente o desafio de retomar, junto com a gestão local, a educação na saúde, pautada pela PNEPS, garantida na forma de uma das políticas de fortalecimento do SUS.

Referências

- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 198/GM, de 13 de fevereiro de 2004.** Institui a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde como estratégia do Sistema Único de Saúde para a formação e o desenvolvimento de trabalhadores para o setor e dá outras providências. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação em Saúde. **Política Nacional de Educação Permanente em Saúde.** Brasília: Ministério da Saúde, 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. **Política Nacional de Educação Permanente em Saúde:** o que se tem produzido para o seu fortalecimento? Brasília: Ministério da Saúde, 2018.
- ESPOSTI, C. D. D. *et al.* O papel da Educação Permanente em Saúde na Atenção Primária e a pandemia de COVID-19. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, Vitória, v. 22, n.

1, p. 4-8, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/rbps/article/view/33685>. Acesso em: 16 jan. 2024.

FERREIRA, L. *et al.* Educação Permanente em Saúde na atenção primária: uma revisão integrativa da literatura. **Saúde em Debate**, Londrina, v. 43, n. 120, p. 223-239, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201912017>. Acesso em: 7 jul. 2022.

LEMONS, C. L. S. Educação Permanente em Saúde no Brasil: educação ou gerenciamento permanente? **Ciência & Saude Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 913-922, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015213.08182015>. Acesso em: 15 maio 2024.

LIMA, S. A. V.; ALBUQUERQUE, P. C.; WENCESLAU, L. D. Educação permanente em saúde segundo os profissionais da gestão de Recife, Pernambuco. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 425-441, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1981-77462014000200012>. Acesso em: 15 maio 2024.